

Dossiê Temático: *Eu canto porque o instante existe e exige: as poéticas da voz no período pandêmico.*

Coordenadores:

Prof. Dr. Marcelo Vieira da Nóbrega. (UEPB)

Prof. Dr. Linduarte Pereira Rodrigues. (UEPB)

Prof. Dr. José Nogueira da Silva. (UFAL)

Nos últimos dois anos, a atipicidade do período pandêmico reconfigurou as relações humanas. Nossa proximidade com a morte ficou menos estranha, as tecnologias se fizeram mais presentes e o *home office* se tornou um termo mais familiar, um cúmplice inseparável, inclusive nas manifestações da arte em geral. Nesse panorama, a recepção desse momento pelos poetas da voz não ficou alheia. Assim, questiona-se: como se deram estas relações na produção poética de base oral? De que forma e em que níveis o isolamento social imposto pela pandemia da Covid-19 durante, pelo menos dois anos, impactou as relações entre os artistas, poetas e de mais profissionais da voz (cantores, cantadores, repentistas, cordelistas, aboiadores, professores(as) etc.) durante este período? E em termos da organização dos mesmos enquanto grupo social, houve mudanças significativas? De que natureza? Como tais relações aconteceram, por exemplo, na sala de ensino remoto? Como compreender a performance, nos moldes zumthonianos, nestas circunstâncias de produção e recepção?

Essas temáticas são flexíveis para epistemologias diversas, apesar de alguns campos reflexivos privilegiarem as mesmas, a exemplo da interdisciplinaridade da primeira geração dos Estudos Culturais como instituição acadêmica, simbolizados nos pais fundadores: Raimond Williams, Edward P. Thompson, Richard Hoggart e Stuart Hall. Além do olhar (inter/intra)transdisciplinar, a marginalidade institucional e a ponte entre cultura e suas relações de poder são relevantes para a temática proposta.

Se o tema envolve a poética da voz, essa voz evoca a própria presença, mesmo estando ausente, pois não é captada apenas por meio da escuta, mas através de todos os componentes que a constituem: os elementos linguísticos, a tradição, os movimentos físicos e até mesmo sua interferência em relação ao corpo no tempo e no espaço. Essas circunstâncias estão relacionadas ao que Paul Zumthor compreendeu como um efeito

sensorial: uma palavra ao ser pronunciada demonstra capacidade de preencher, como uma representação do corpo que a produz em seus aspectos não apenas biológicos, mas históricos, mitológicos e literários.

Nesta perspectiva, convidamos os leitores a experienciarem, neste dossiê, diversas impressões de mundos, de vidas e de sensações, redesenhadas pela linguagem e envoltas pela sensação e desejo plenos de vida, mesmo frente às ameaças de morte, provocadas pela pandemia da Covid-19, entre 2020-2021, mais precisamente.

No primeiro produto, intitulado *As vozes da tradição e da modernidade em Bom dia para os defuntos: a heterogeneidade literária e linguística no romance de Manuel Scorza*, Thiago Roney Lira Borges investiga a heterogeneidade literária e linguística, a partir do encontro entre o mundo moderno peruano e o mundo de tradição oral da cultura dos camponeses quéchuas, na produção e na forma de *Bom dia para os defuntos*, texto de Manuel Scorza. Parte de dois conceitos fundantes: de “literatura heterogênea” de Cornejo Polar (2000), e de “diglossia cultural” de Martin Lienhard (2003).

No segundo texto, intitulado *Sousândrade: rascunho para uma urna*, Isis Diana Rost trata da transversalidade da poética de Sousândrade, na esteira de “revisão de Sousândrade”, livro organizado pelos irmãos Campos, onde revisitam a poética do maranhense, destacando seu vínculo antecipador com o modernismo. Em evidência no século XIX, o entusiasmo com o Barroco cresceria a partir da segunda década do século XX, quando teóricos como Wölfflin, Walter Benjamin, Eugenio D’Ors e, posteriormente, Haroldo de Campos e Severo Sarduy, passam a considerar como Barroco uma estética irregular e fragmentária que se repete na história. A partir de uma retomada da estética Barroca, que não se limitaria ao século XVII, o foco é vislumbrar o “espectro” pós-barroco de Sousândrade atravessando as poéticas experimentais do início dos anos 1970.

No terceiro produto, Adriano de Paula Rabelo, com o texto *Nova York, Liverpool, Belo Horizonte: três ruas, três canções*, funde memória, afeto, e experiências de infância: a rua onde se viveu as experiências e os ritos de passagem básicos da vida, durante a juventude, geralmente é recriada na memória como um lugar mítico, habitado por personagens exemplares, carregado de afetividade. O texto aborda esse fenômeno a partir de três canções sobre três ruas, em três países diferentes, numa época de grandes

transformações: os anos 1960. “Bleecker Street”, de Simon & Garfunkel, retrata a atmosfera de Greenwich Village, área boêmia muito associada a movimentos artísticos e culturais em Nova York, na primeira metade daquela década.

Em seguida, Jocineide Catarina Maciel de Souza e Elizabete Nascimento, com o texto *A Poesia de autoria feminina: de espada em punho!*, exhibe alguns fios dos muitos que encontra no I Tomo das *Bruxas: do Ventre à Vida* (2021), uma coletânea de poemas escritos por mulheres negras, indígenas, brancas e amarelas, dividida em três partes, que de acordo com as organizadoras são as três condições necessárias à liberdade. Após duas décadas do século XXI, quando o céu do solo brasileiro projeta sair da cor cinza e surgem estrelas a esperar dias melhores, mulheres/brasileiras que vivem em diferentes espaços geográficos, fortalecidas pela força artístico-literária se unem para se inscreverem na história da literatura brasileira por meio da poesia.

No produto seguinte, intitulado *A Intergenericidade poética em contos da tradição oral*, Nadia Barros Araujo vai ao coração do Brasil, na Chapada Diamantina, e nos presenteia com uma análise literária de contos da tradição oral, provenientes do acervo literário dos contadores tradicionais de histórias da cidade de Tapiramutá, Chapada Diamantina. Para tal, parte das reflexões epistemológicas de Aristóteles (1992), Rosenfeld (1994) e Staiger (1977), sobre o entrelaçamento e diálogo entre os gêneros épico/narrativo, lírico e dramático - a intergenericidade poética.

Nos dois textos seguintes, ambos desenvolvidos em plena pandemia, a poesia salta dos livros e vai, ora vai à escola pública, ora é performatizada através do ensino remoto. No primeiro texto, *Projeto nas Asas da Leitura: a poesia no 6º ano durante o Ensino Remoto*, de Fabiana Simplicio da Silva, Amanda Kelly Sousa Rodrigues, Ana Paula dos Santos Guedes, sob a supervisão de Ana Lúcia de Souza Neves, desenvolve a prática de leitura literária em escolas públicas, visando despertar o interesse pela literatura e, conseqüentemente, estimula a criatividade e a imaginação, desperta o respeito às diferenças, aguça o raciocínio e amplia a visão de mundo. Expõe a experiência vivenciada, no ano de 2021, com os alunos do 6º ano da Escola Estadual Everaldo Agra, na cidade de Campina Grande (PB), a partir da leitura de uma coletânea de textos poéticos de escritores brasileiros sobre infância, brincadeiras e animais. Já no segundo, intitulado *Há Poesia No Ensino Remoto?: Um Relato de experiência das Atividades do Projeto de Extensão Nas Asas da Leitura*, as autoras Kalina Naro Guimarães, Chrisllayne Farias da Silva e Erenice de Souza Lima, a partir de uma

metodologia de viés bibliográfico (Cosson, 2009; Pinheiro, 2018; e Zumthor, 2014) e de pesquisa-ação, e por meio da modalidade remota de ensino, relatam e analisam o exercício da mediação da leitura literária desenvolvido por um grupo de integrantes do projeto *Nas asas da leitura*, discutindo os percalços e as conquistas alcançadas durante o processo de docência, experiência também realizada em uma escola pública da cidade de Campina Grande (PB).

Por fim, Marcelo Vieira da Nóbrega, com o texto intitulado *As vidas-mortes-vidas severinas em tempos de pandemia: hibridismo de vozes aprisionadas de poetas-apologistas, cordelistas e repentistas em um grupo de Whatsapp*, delimita e categoriza a produção poética de repentistas e poetas-apologistas nordestinos, entre 2020 e 2021, no grupo de *WhatsApp* Clube do Repente, durante a pandemia da Covid-19. Criado em agosto de 2015, na cidade de Campina Grande (PB), o Clube do Repente, doravante CR, compõe-se no momento de 104 participantes distribuídos conforme a seguinte composição: 29 repentistas profissionais - sendo 23 homens e seis mulheres; seis cordelistas; um poeta-declamador; e 68 poetas-apologistas. À luz das categorias analíticas, *Prisão/Encarceramento virtual e Superação/Resiliência*, o autor aponta para uma produção poética marcada por uma espécie de ciclo poético que se inicia na angústia, desespero e apreensão da morte e se fecha com a promessa de vida em plenitude. Este aspecto pode nos remeter ao sentido da coerência como uma forte característica das culturas populares: ao contrário do ciclo da vida – que culmina com a morte – a produção poética neste período caminhou em sentido oposto, isto é, em direção à vida, à esperança, à vacina, à crença na ciência.

Desejamos a todos(as) leituras proveitosas!

Os organizadores.